

Fragmentos do voto proferido pelo eminente Ministro CELSO DE MELLO, na AP 470/MG, na **sessão** plenária de 1º de outubro de 2012.

“.....
Entendo que o Ministério Público **expôs** na peça acusatória eventos delituosos **revestidos** de extrema gravidade e **imputou** aos réus ora em julgamento ações moralmente inescrupulosas e penalmente ilícitas que culminaram, **a partir** de um projeto criminoso por eles concebido e executado, **em verdadeiro assalto** à Administração Pública, **com graves e irreversíveis** danos ao princípio ético-jurídico da proibidade administrativa e com sério comprometimento da dignidade da função pública, **além** de lesão a valores outros, **como** a integridade do sistema financeiro nacional, a paz pública, a credibilidade e a estabilidade da ordem econômico-financeira do País, **postos** sob a imediata tutela jurídica do ordenamento penal.

.....
Quero registrar, neste ponto, Senhor Presidente, **tal como salientei** em voto anteriormente proferido neste Egrégio Plenário, que o ato de corrupção **constitui um gesto de perversão** da ética do poder e da ordem jurídica, **cuja observância se impõe** a todos os cidadãos desta República **que não tolera** o poder que corrompe **nem admite** o poder que se deixa corromper.

Quem transgride tais mandamentos, **não** importando a sua posição estamental, **se patricios ou plebeus, governantes ou governados, expõe-se à severidade** das leis penais e, **por tais atos**, o corruptor e o corrupto **devem ser punidos, exemplarmente**, na forma da lei.

Este processo criminal revela a face sombria daqueles que, **no controle do aparelho de Estado, transformaram** a cultura da transgressão em prática ordinária e desonesta de poder, como se o exercício das instituições da República pudesse ser degradado a uma função de mera satisfação instrumental **de interesses governamentais e de desígnios pessoais**.

Fácil constatar, portanto, **considerados** os diversos elementos legitimamente produzidos nestes autos e claramente demonstrados pelo

eminente Relator, **que a conduta dos réus**, notadamente daqueles que ostentam **ou** ostentaram funções de governo, **não importando** se no Poder Legislativo **ou** no Poder Executivo, **maculou** o próprio espírito republicano.

Em assuntos de Estado e de Governo, **nem** o cinismo, **nem** o pragmatismo, **nem** a ausência de senso ético, **nem** o oportunismo podem justificar, **quer** juridicamente, **quer** moralmente, **quer** institucionalmente, práticas criminosas, como a corrupção parlamentar **ou** as ações corruptivas de altos dirigentes do Poder Executivo **ou** de agremiações partidárias.

Extremamente precisa a observação, *sempre erudita*, do Professor Celso Lafer, **quando**, ao discorrer sobre o espírito republicano, **acentua**, a partir de Montesquieu, que "o princípio que explica a dinâmica de uma República, ou seja, o sentimento que a faz durar e prosperar, é a virtude. É nesse contexto que se pode dizer que a motivação ética é de natureza republicana. Isso passa (...) pela virtude civil do desejo de viver com dignidade e pressupõe que ninguém poderá viver com dignidade numa comunidade política corrompida".

.....

É por isso, Senhores Ministros, **que a concepção republicana de poder** mostra-se absolutamente **incompatível** com qualquer prática governamental **tendente** a restaurar a **inaceitável** teoria do Estado patrimonial.

Com o objetivo de proteger valores fundamentais, *Senhor Presidente*, **tais como se qualificam** aqueles consagrados **nos princípios** da transparência, da igualdade, da moralidade **e** da impessoalidade, o sistema constitucional instituiu **normas e** estabeleceu **diretrizes** destinadas **a obstar** práticas que culminem **por patrimonializar** o poder governamental, **convertendo-o**, em razão de uma **inadmissível** inversão dos postulados republicanos, **em verdadeira "res domestica"**, **degradando-o**, assim, **à condição subalterna** de instrumento de mera dominação do Estado, **vocacionado**, não a servir ao interesse público **e** ao bem comum, **mas**, antes, a atuar **como incompreensível e inaceitável** meio de satisfazer conveniências pessoais **e** de realizar aspirações governamentais **e** partidárias.

.....

O fato é um só, Senhor Presidente: quem tem o poder e a força do Estado, em suas mãos, não tem o direito de exercer, em seu próprio benefício, a autoridade que lhe é conferida pelas leis da República.

A gravidade da corrupção governamental, inclusive aquela praticada no Parlamento da República, evidencia-se pelas múltiplas consequências que dela decorrem, tanto aquelas que se projetam no plano da criminalidade oficial quanto as que se revelam na esfera civil (afinal, o ato de corrupção traduz um gesto de improbidade administrativa) e, também, no âmbito político-institucional, na medida em que a percepção de vantagens indevidas representa um ilícito constitucional, pois, segundo prescreve o art. 55, § 1º, da Constituição, a percepção de vantagens indevidas revela um ato atentatório ao decoro parlamentar, apto, *por si só*, a legitimar a perda do mandato legislativo, independentemente de prévia condenação criminal.

A ordem jurídica, Senhor Presidente, não pode permanecer indiferente a condutas de membros do Congresso Nacional - ou de quaisquer outras autoridades da República - que hajam eventualmente incidido em censuráveis desvios éticos e reprováveis transgressões criminosas, no desempenho da elevada função de representação política do Povo brasileiro.

Sabemos todos que o cidadão tem o direito de exigir que o Estado seja dirigido por administradores íntegros, por legisladores probos e por juízes incorruptíveis.

O direito ao governo honesto - nunca é demasiado reconhecê-lo - traduz uma prerrogativa insuprimível da cidadania.

A imputação, a qualquer membro do Congresso Nacional, de atos que importem em transgressão ao decoro parlamentar revela-se fato que assume, perante o corpo de cidadãos, a maior gravidade, a exigir, *por isso mesmo*, por efeito de imposição ética emanada de um dos dogmas essenciais da República, a repulsa por parte do Estado, tanto mais se se considerar que o Parlamento recebeu, dos cidadãos, não só o poder de representação política e a competência para legislar, mas, também, o mandato para fiscalizar os órgãos e agentes dos demais Poderes.

Vê-se, nesse ponto, a íntima correlação entre a própria Constituição da República, em face de que prescreve o seu art. 55, § 1º, e a legislação penal.

Qualquer ato de ofensa ao decoro parlamentar, como a aceitação criminosa de suborno, **culmina por atingir, injustamente, a própria respeitabilidade** institucional do Poder Legislativo, **residindo, nesse ponto, a legitimidade** ético-jurídica do procedimento constitucional de cassação do mandato parlamentar, **em ordem a excluir**, da comunhão dos legisladores, **aquele - qualquer** que seja - **que se haja mostrado indigno** do desempenho da **magna** função de representar o Povo, de formular a legislação da República e de controlar as instâncias governamentais do poder.

.....

Importante destacar, Senhor Presidente, as **gravíssimas** consequências que resultam do ato indigno (e criminoso) do parlamentar **que comprovadamente vende** o seu voto **e que também** comercializa a sua atuação legislativa **em troca** de dinheiro ou de outras indevidas vantagens.

.....

A corrupção deforma o sentido republicano de prática política, **compromete** a integridade dos valores **que informam e dão significado** à própria ideia de República, **frustra** a consolidação das instituições, **compromete** a execução de políticas públicas em áreas sensíveis **como** as da saúde, da educação, da segurança pública e do próprio desenvolvimento do País, **além** de afetar o próprio princípio democrático.

Daí os importantes compromissos internacionais que o Brasil assumiu em relação **ao combate à corrupção, como o evidencia** a subscrição, por nosso País, da Convenção Interamericana contra a Corrupção (celebrada na Venezuela em 1996) e da Convenção das Nações Unidas (celebrada em Mérida, no México, em 2003).

As razões determinantes da celebração dessas convenções internacionais (**uma, de caráter regional, e outra, de projeção global**) **residem, basicamente, na preocupação** da comunidade internacional com a extrema gravidade dos problemas e das consequências nocivas decorrentes da corrupção para a estabilidade e a segurança da sociedade, **eis** que essa prática criminosa **enfraquece** as instituições e os valores da democracia, da ética e da justiça,

além de comprometer a própria sustentabilidade do Estado democrático de direito, **considerados** os vínculos entre a corrupção e outras modalidades de delinquência, com particular referência para a criminalidade organizada, a delinquência governamental e a lavagem de dinheiro.

.....

Esses **vergonhosos** atos de corrupção parlamentar, **profundamente** lesivos à dignidade do ofício legislativo **e** à respeitabilidade do Congresso Nacional, **alimentados** por transações obscuras idealizadas e implementadas em altas esferas governamentais, **com o objetivo** de fortalecer a base de apoio político **e** de sustentação legislativa no Parlamento brasileiro, **devem** ser condenados e punidos **com** o peso e o rigor das leis desta República, **porque significam** tentativa imoral e ilícita de manipular, **criminosamente**, à margem do sistema constitucional, o processo democrático, **comprometendo-lhe** a integridade, **conspurcando-lhe** a pureza **e** **suprimindo-lhe** os índices essenciais de legitimidade, **que representam** atributos necessários para justificar a prática honesta e o exercício regular do poder aos olhos dos cidadãos desta Nação.

Esse quadro de anomalia, Senhor Presidente, **revela as gravíssimas** consequências **que derivam** dessa aliança profana, desse gesto infiel e indigno de agentes corruptores, públicos **e** privados, **e** de parlamentares corruptos, em comportamentos **criminosos**, devidamente comprovados, **que só fazem** desqualificar **e** desautorizar, **perante** as leis criminais do País, a atuação desses marginais do Poder.

....."